

O MOVIMENTO CONSTITUCIONALISTA DE 1932

Palestra do Sr. CEL PM MÁRIO FONSECA VENTURA proferida aos Alunos Oficiais da Academia de Polícia Militar do Barro Branco em 2012

Neste século 21 atravessamos uma fase em que devemos nos curvar ao mundo surpreendente e necessário a todos nós que nos valem dos meios de comunicação. As inovações tecnológicas precisam ser conhecidas e aproveitadas.

Na cibernética há um transbordamento de dados que podem, à primeira vista, causar certa confusão. Mas isso apenas nos confunde no começo.

O uso constante das novas ferramentas acabam por revelar a grande premência que temos da informática. Vale dizer que 43,9 milhões de brasileiros fazem uso da rede social da Internet, principalmente o FACEBOOK. Isso corresponde aproximadamente a 23% da nossa população.

A SOCIEDADE VETERANOS DE 32-MMDC instituiu o jornal eletrônico “32 EM MOVIMENTO” em 25 de janeiro de 2011, com ótimos resultados. Pudemos levar até fora do país o que foi a Revolução Constitucionalista de 1932, corrigindo as idéias fantasiosas de separatismo e outros erros que ideologias espúrias propagaram em livros de esquerda.

Em meados do ano passado o professor JEFFERSON BIAJONE, de ITAPETININGA, nos sugeriu a criação de um núcleo de correspondência, a custo zero, que pudesse divulgar pesquisas sobre a revolução de 32 naquela cidade.

Em poucos meses essa nova modalidade de descentralização da Sociedade Veteranos de 32-MMDC estendeu-se para outros municípios: PIRACICABA, ITAPIRA, SÃO VICENTE, CRUZEIRO, SÃO JOÃO DA BOA VISTA, BURI e ITAPEVA. A tendência, ao atingirmos os 80 anos da revolução é termos o aumento dos conhecimentos através desses núcleos.

O desenvolvimento do espírito crítico colabora para essa descentralização necessária e vitoriosa da nossa organização. Isso revigora o entusiasmo em torno dos acontecimentos de 32, trazendo essa página da história para a realidade dos nossos dias.

É para nós um grande privilégio dirigir a Sociedade Veteranos de 32-MMDC, que atinge um patamar de atividades incríveis nas comemorações dos oitenta anos da Revolução de 32, voltadas para o culto da democracia e da moralização do país.

No dia 23 de maio de 1974 no Mausoléu do Soldado Constitucionalista, o Centro Acadêmico XV DE DEZEMBRO, da Academia de Polícia Militar do Estado de São Paulo, homenageia o cadete RUYTEMBERG ROCHA, seu patrono.

Depois da missa, celebrada pelo capelão da Polícia Militar, houve o descerramento de uma placa em homenagem ao patrono do Centro

Acadêmico com os seguintes dizeres: “RUYTEMBERG ROCHA; Esmaltou de pendão da esperança a sua trincheira; Coluna de uma colunata, patrono em partenon paulista...” “Homenagem do Diretório Acadêmico XV DE DEZEMBRO da Academia de Polícia Militar do Estado de São Paulo ao seu patrono, no XXV Aniversário de sua Fundação”. Após o descerramento da placa fala um representante da Sociedade Veteranos de 32-MMDC.

O cadete RUYTEMBERG ROCHA era aluno oficial do 2º ano do curso de oficiais da Força Pública do Estado de São Paulo. Em julho de 32 foi promovido para 1º tenente e partiu para o setor sul, no início das hostilidades. Na cidade de BURI, no Estado de São Paulo, em 26 de julho de 1932 tombou mortalmente ferido, por um projétil, que lhe atingiu o crânio.

“O projétil inimigo encontrou à sua frente, a figura jovem, vibrante e patriótica do tenente RUYTEMBERG ROCHA”, enfatizou o presidente do D. A. da Academia da PM, cadete ADAIR PAGAMISSE. “Por isso, peço, para que os atuais alunos da Academia de Polícia Militar, façam de sua profissão um sacerdócio, para estarem sempre alerta ao chamado do dever, pois a Pátria necessita dos filhos que se sacrificam sem nada pedir.

A caminhada é árdua, mas se concentrarmos todos nossos sacrifícios em direção aos nossos objetivos, teremos a satisfação de vermos o dever cumprido e o espírito elevado, por termos tido a oportunidade de sermos úteis à Pátria e a nossos semelhantes”.

Após o discurso do presidente da D.A., o corpo de cadetes, com a colaboração do coral e da banda da Polícia Militar, entoou o Hino da Academia, a Canção da Polícia Militar e finalizaram a cerimônia com o Hino Nacional.

Nas três primeiras décadas do século 20 (1900-1930), diversos foram os acontecimentos políticos e sociais relevantes tanto internamente quanto, principalmente, no âmbito internacional, servindo de exemplos quanto a este último a maciça imigração de europeus para o Brasil, a eclosão da Primeira Guerra Mundial, a “grande crise” econômica de 1929 e, internamente, os movimentos sociais dos trabalhadores (greve, o conflito de CANUDOS, os 18 de Forte em 1922, a Revolução de 5 de Julho de 1924), surgimento dos primeiros partidos operários, o anarco-sindicalismo em São Paulo, a “Revolta da Vacina” no Rio de Janeiro (1904), o comunismo (criação do PCB em março de 1922), a “Reação Republicana” ao eixo SP-MG nas eleições de 1922, a insatisfação dos militares e o surgimento do “tenentismo” na década de 1930.

Outrossim, vale registrar que, por vários motivos (manutenção do Estado, custeio de infra-estruturas portuária e ferroviária, valorização do café), muitos eram os empréstimos tomados pelo Brasil junto ao estrangeiro – notadamente a Grã-Bretanha – de forma que, nesse período, a dívida externa do país cresceu significativamente, assumindo patamares comprometedores da higidez econômico-financeira do País, o que, por óbvio, repercutiu no cenário político interno.

Com o mandato do presidente WASHINGTON LUÍS chegando ao fim,

surpreendentemente houve de sua parte insistência para que um paulista o sucedesse na presidência, quebrando assim a famosa política do “café com leite”. JÚLIO PRESTES e GETÚLIO VARGAS concorreram às eleições, vencendo o candidato de WASHINGTON LUÍS. A oposição alegou fraude nessas eleições e GETÚLIO dá o golpe em 1930. A morte de JOÃO PESSOA em 26 de julho desse ano colaborou para o acirramento dos ânimos. Essa conspiração revolucionária ganha corpo e em 3 de outubro, sob o comando militar do GENERAL GÓES MONTEIRO, antigo conhecido de GETÚLIO, é vitoriosa.

Em 24 de outubro de 1930, integrantes da cúpula militar, em nome do Exército e da Marinha, depuseram o presidente da República no RIO DE JANEIRO e constituíram uma Junta Provisória que, de sua parte, diante da manifestação popular e da forte pressão dos revolucionários vindos do sul, acabou entregando o poder a GETÚLIO em 31 de outubro de 1930.

Os vitoriosos de 30 compunham um quadro bastante heterogêneo, política e socialmente, mas, com um adversário comum: as velhas oligarquias cafeeiras. Troca-se a elite do poder, caindo os quadros oligárquicos tradicionais e ascendendo à cúpula os militares, os jovens políticos da oposição, os técnicos diplomados e, mais tarde, os industriais.

OS JANEIROS DA REVOLUÇÃO

Há 81 anos, em 2 de janeiro de 1931, realiza-se um almoço das Forças Armadas em homenagem ao Governo Provisório de Getúlio Vargas. A confraternização acontece no Forte de São João no sítio Estácio de Sá. O General Tasso Fragoso faz a saudação ao Chefe da Nação.

Acredita-se nas medidas que o governo revolucionário tomará, pois Getúlio assevera que empregará todos os esforços na criação e desenvolvimento dos meios necessários para o engrandecimento do Brasil.

Em 24 de janeiro de 1931, três meses após a vitória da Revolução de 30, as classes operárias são convocadas para uma reunião no Campo de Santana, no Rio. Fato inédito.

Ouve-se a voz pungente de Joaquim Pimenta e a massa operária segue para o Catete, em homenagem a Getúlio Vargas. O país sente-se amparado. Está no governo o homem certo.

Um ano após o cenário é completamente diferente. O povo descobre que o Brasil está em plena ditadura. As eleições prometidas não se realizam. Em 25 de janeiro de 1932, na Praça da Sé, uma multidão imensa reúne-se contra o governo arbitrário de Getúlio Vargas. Tendo Antônio Prado Júnior à frente, entoam-se marchas e hinos e o estribilho é “São Paulo, São Paulo autônomo. São Paulo livre! O povo paulista exigia o fim da ditadura.

Guilherme de Almeida, aclamado, pronuncia uma de suas orações imortais: “PAULISTAS. Dizem que há por aí, no ar, suspenso sobre nossas cabeças, um “caso” paulista. Dizem que, para sua solução, que é a solução

da vossa felicidade, o governo central, que se conferiu o direito de decidir dos vossos destinos, ainda não encontrou uma fórmula. A ditadura vacila, hesita, bambeia, tropeça, disfarça, protela, gagueja, titubeia... Dizem que ela quer saber a vontade de São Paulo. Ora, essa vontade ainda não foi dita... Não valem manifestos, entrevistas, conciliábulos secretos, conferências reservadas. Não. A única palavra que pode valer, que pode logicamente significar a vontade de São Paulo é a palavra que o povo de São Paulo há de dizer livremente, em massa, coeso, firme, unido num só. Para isso aqui está este comício grandioso.

São Paulo, aqui neste instante de evocação de seu passado e de decisão de seu futuro, é, como sempre o foi, um só: um só pensamento e uma só ação. Ele vai exprimir a sua vontade. PAULISTAS, escolhei, decidi. Ou esta unificação engrandecedora e invencível, em que estais neste instante e estivestes em todo o vosso passado ou aquele fracionamento, aquela dispersão partidária, em que há quinze meses vos aniquilais, vos destruí. Escolhei! Decidi” À sombra destas bandeiras, quatro séculos vos contemplam!”

Ao alto da Catedral da Sé tremulam ao vento bandeiras das caravelas de Martim Afonso de Souza e as que traziam a cruz vermelha de Aviz planteada ao centro. A multidão delira, agitando chapéus ao ar, “dando a impressão de encapeladas ondas, no dizer de Paulo Nogueira.

No dia 22 de maio de 1932 foi elaborado o boletim da FRENTE ÚNICA, asseverando que a presença do enviado especial do ditador (OSWALDO ARANHA foi mandado por GETÚLIO VARGAS a SÃO PAULO, a fim de acalmar o ânimo dos paulistas) tinha o “intuito de arrebatado do povo paulista o sagrado direito de escolher os seus governantes” e que esse mesmo povo não mais suportaria tamanha afronta e humilhação, repelindo “a indébita e injuriosa intromissão na sua vida política” por parte daqueles que estavam “conduzindo SÃO PAULO e o BRASIL a sua ruína total”.

No mesmo dia do lançamento do citado Boletim – 22 de maio de 1932 -, houve um comício na PRAÇA DO PATRIARCA, às 15 horas.

Pontificou a voz altissonante de IBRAHIM NOBRE, que se dirigiu ao PALÁCIO DOS CAMPOS ELÍSEOS (com SÍLVIO DE CAMPOS, ANTÔNIO PEREIRA LIMA, AURELIANO LEITE, LUCIANO GUALBERTO e com o povo), afirmando ao Interventor PEDRO DE TOLEDO: “Já começa a correr o sangue paulista. Estamos algemados e algemados dentro de uma senzala. E V. Ex.a, Sr PEDRO DE TOLEDO, está preso conosco. V. Ex.a. deve sair dela e com estes homens vir às ruas reivindicar a nossa liberdade. V. Ex^a está no fim da vida e deve escolher: um simples epitáfio ou uma estátua”.

A menção feita por IBRAHIM NOBRE, ao fato de já começar a correr o sangue paulista, era devida aos ferimentos sofridos pelo estudante LIMA NETO, naquele mesmo 22 de maio de 1932, vítima das agressoras forças da Ditadura. No dia seguinte, 23 de maio, mais sangue iria correr, purpureando quatro jovens, que se transformaram nos exacerbados mártires da irrefreável

luta contra o opróbrio.

Ainda em 22 de maio os líderes contrários a Getúlio foram até o Quartel do Comando Geral da FORÇA PÚBLICA. O Comandante CASTRO CAMPOS não está presente. O substituto, CORONEL ELISIÁRIO DE PAIVA, hesita diante da multidão, dos gritos, ante aquilo que, fácil é prever, ela está buscando ali. Fora, IBRAHIM NOBRE excita os milicianos, pronunciando o enésimo discurso do dia. O comando concorda em receber uma comissão. Entram SÍLVIO DE CAMPOS, PEREIRA LIMA, IBRAHIM NOBRE, AURELIANO LEITE, LUCIANO GUALBERTO, alguns mais.

À espera, a aglomeração assossega, gradua o vozear entre exausta e esperançosa. Dentro, as conversações prosseguem. Súbito, da Avenida TIRADENTES rompe esquadrão de cavalaria da mesma FORÇA PÚBLICA. Carrega contra o povo, atropela, espaldea. Tiros, populares contundidos, no chão o sangue inaugural da campanha que está por se iniciar: o do estudante LIMA NETO.

Os membros da comissão, alertados, saem do QG em estado de apoplexia cívica. IBRAHIM e SÍLVIO DE CAMPOS, com o verbo e o exemplo remendam os rasgões abertos pelos cascos e pelos sabre na massa popular que flutuara, rompera-se mas não se desfizera. Guiam-se para os CAMPOS ELÍSEOS, para a casa do governo do Estado. PEDRO DE TOLEDO terá de dizer-lhes, naquela noite, naquele instante, com quem está: sendo paulista e sendo interventor getulista, fica ao lado dos seus ou ao lado dos servidores do ditador?

Por volta das 16 horas de 23 de maio de 1932, realiza-se na Praça do Patriarca, o comício monstro em favor do restabelecimento da autonomia do Estado e da reconstitucionalização do país. O povo em massa dirige-se aos CAMPOS ELÍSEOS e exige por meio de discursos inflamados a organização do secretariado do governo em consonância com a vontade do povo.

E nessa oportunidade que assomando à janela do palácio o professor FRANCISCO MORATO anuncia a escolha dos novos secretários do Interventor Federal.

O Secretariado ficou assim constituído: Educação - Dr JOSÉ RODRIGUES ALVES SOBRINHO; Agricultura - FRANCISCO DA CUNHA JUNQUEIRA; Fazenda - PAULO MORAIS BARROS; Justiça - Professor WALDEMAR FERREIRA; Viação - FONSECA TELLES; Departamento de Organização Municipal - JOAQUIM SAMPAIO VIDAL; Prefeitura da Capital - GODOFREDO DA SILVA TELES.

No cair da tarde e o surgir da noite a massa humana se agiganta pelo Pátio do Colégio, ruas e praças contíguas. Populares sacam de suas armas e fazem disparos para o ar a guisa de salvas no momento em que SILVA GORDO passa a Secretaria da Justiça a WALDEMAR FERREIRA. O povo, não satisfeito com as vitórias alcançadas dirige-se à sede dos jornais: "RAZÃO", órgão de OSVALDO ARANHA, o "CORREIO DA TARDE", de MIGUEL COSTA, incendiando-os.

Daí o povo ruma contra a sede da LEGIÃO REVOLUCIONÁRIA, o PARTIDO POPULAR PAULISTA, o qual era chefiado por MIGUEL COSTA nos altos da Rua BARÃO DE ITAPETININGA, esquina da PRAÇA DA REPÚBLICA.

Por volta das 20:30 horas na PRAÇA DA REPÚBLICA o povo ataca a sede do PPP, instalado à Rua BARÃO DE ITAPETININGA, número 60 (hoje Prédio 298, esquina da Praça). A fuzilaria é intensa de lado a lado. Todos os lampiões de gás nas imediações e as poucas lâmpadas estão quebradas por tiros.

Os atacantes, uns atrás das árvores, outros deitados, defendem-se, atacam e socorrem os feridos. As ambulâncias ficam postadas nas Ruas SÃO LUÍS, 7 DE ABRIL e 24 DE MAIO. Enquanto alguém distribuía munições, o povo luta desesperadamente a fim de invadir o prédio.

Quando era meia-noite, os atacantes já apresentam duas baixas: EUCLYDES MIRAGAIA e ANTÔNIO AMÉRICO DE CAMARGO ANDRADE, morador de CAMPINAS. Alguns atacantes conseguem trazer um bonde e o colocam, como muralha, parado à porta do prédio.

Era uma hora e trinta minutos da madrugada quando DRÁUSIO MARCONDES DE SOUZA, ao forçar a porta do prédio, é alvejado mortalmente vindo a falecer no dia 28 devido aos ferimentos recebidos. DRÁUSIO tinha apenas 14 anos, morador na Rua OSCAR FREIRE, ferido na fossa ilíaca esquerda. O tiro saiu na fossa ilíaca direita.

A luta já dura horas, mas os atacantes não esmorecem. Há muita gente ferida e não se sabe ao certo o número de mortos.

Naquela madrugada sangrenta, naquele desespero, muitas pessoas deixam os abrigos e avançam para o prédio com o propósito de tomá-lo. Num destes ataques MARIO MARTINS DE ALMEIDA é atingido por uma rajada de balas no peito no meio da Rua BARÃO DE ITAPETININGA.

Não é decorrido muito tempo quando soldados acercam-se do prédio, assestam uma metralhadora, fazem disparos e recebem um comunicado que transmitem aos populares dizendo que os sitiados se renderam e vão desocupar o prédio, o que realmente aconteceu.

MÁRIO MARTINS DE ALMEIDA morre ao ser removido para o pronto-socorro da polícia central. São feridos também: IGNÁCIO CRUZ, de 21 anos, solteiro, residente à avenida D.PEDRO I, número 7, no IPIRANGA, com dois ferimentos produzidos por balas, na perna direita; SEBASTIÃO BERNABÉ VERGUEIRO DOS SANTOS, de 33 anos, residente à rua VITÓRIA, número 144, com um ferimento perfuro contuso na perna esquerda; PAULO RIBEIRO, advogado, residente à Rua OSCAR PORTO, número 43, com ferimento perfuro contuso no antebraço direito; MOACYR DE OLIVEIRA, de 21 anos, residente à Rua ANTÔNIO DE GODÓI, 91 com ferimento de bala penetrante da cavidade torácica; JOÃO BAPTISTA DE OLIVEIRA FILHO, de 21 anos, solteiro, residente à Rua SOUZA LIMA, número 24, com ferimento perfuro contuso na fronte frontal esquerda; ORLANDO DE ALVARENGA, de 32 anos,

casado, empregado de cartório, residente à Rua MARANHÃO, com ferimento perfuro contuso na região lombar, que viria a falecer em 12 de agosto; SEBASTIÃO ALVES DE OLIVEIRA, de 19 anos, copeiro, com ferimento de bala na região glútea direita; FRANCISCO ANTÔNIO VALENTE, de 19 anos, morador na rua 21 de Abril, número 313, com ferimento de bala no braço esquerdo e no peito; DOMINGOS NÓBREGA FILHO, de 21 anos, açougueiro, morador à Alameda Santos, número 362, com um ferimento perfuro contuso produzido por bala no pé direito e outro na coxa do mesmo lado.

Horas depois, as iniciais dos nomes dos mortos haverão de formar a sigla da sociedade, a princípio secreta, que viria a ser forja e martelo da revolução constitucionalista: MMDC.

O poeta da Revolução Constitucionalista, GUILHERME DE ALMEIDA, canta em "A SANTIFICADA": "E houve uma noite de heroísmo/ Que marcou o teu batismo de glória;/ e por isso é que Tens quatro letras gravadas/ Nas quatro estrelas douradas/ Do topo: MMDC.

MÁRIO MARTINS DE ALMEIDA nasceu em São Paulo, no dia 8 de fevereiro de 1901. Era filho do CORONEL JULIANO MARTINS DE ALMEIDA e de Dona FRANCISCA ALVES DE ALMEIDA. Foi estudante do MACKENZIE COLLEGE, tendo terminado os seus estudos sobre a direção do Professor ALBERTO KULLMAN. Era fazendeiro em SERTÃOZINHO estando naquele dia, isto é, 23 de maio de 1932 (31 anos) em São Paulo, de passagem em visita a seus pais. Foi sepultado no Cemitério da CONSOLAÇÃO.

EUCLIDES BUENO MIRAGAIA nasceu em SÃO JOSÉ DOS CAMPOS, no dia 21 de abril de 1911. Era filho de JOSÉ MIRAGAIA e de Dona EMÍLIA BUENO MIRAGAIA. Foi aluno da Escola de Comércio "CARLOS DE CARVALHO" de onde se transferiu no 3º ano para a ESCOLA DE COMÉRCIO "ÁLVARES PENTEADO". A 23 de maio de 1932 (21 anos) quando foi ferido e morto era auxiliar de um Cartório em São Paulo.

DRAÚSIO MARCONDES DE SOUZA era um jovem estudante. Nasceu em São Paulo em 22 de setembro de 1917. Era filho de MANOEL OTAVIANO MARCONDES DE SOUZA e de dona OTÍLIA MOREIRA DA COSTA MARCONDES. Ferido no dia 23 (15 anos incompletos) falecia no dia 28 de maio de 1932, a 1 hora e 50 minutos.

ANTÔNIO AMÉRICO DE CAMARGO ANDRADE, nasceu no dia 3 de dezembro de 1901. Filho de NABOR DE CAMARGO ANDRADE e dona HERMELINDA NOGUEIRA DE CAMARGO. Era casado e residente em CAMPINAS. Morreu em 23 de maio de 1932 (31 anos) deixando viúva dona INALAH TEIXEIRA DE CAMARGO e 3 filhos: CLÉSIO, YARA e HERMELINDA.

Os restos mortais dos heróis repousam no Monumento Mausoléu do Soldado Constitucionalista de 1932, no IBIRAPUERA, Capital.

AURELIANO LEITE lembra que o MMDC começou num jantar num restaurante da RUA DAS FLORES, hoje SILVEIRA MARTINS, o “POSILIPO”. Foi a 24 de maio, e “éramos apenas quatro” em torno à mesa: “J. A. SAMPAIO VIDAL, membro do governo empossado, PRUDENTE DE MORAIS NETO, PAULO NOGUEIRA FILHO e eu”.

Trataram de abreviar a refeição, logo puseram mãos à obra. Daí a duas horas estavam reunidas no salão de chá do CLUBE COMERCIAL (à Rua LÍBERO BADARÓ) “VINTE E TRÊS PESSOAS DISPOSTAS A TODO SACRIFÍCIO”; J.A. SAMPAIO VIDAL, pelo governo; PAULO NOGUEIRA FILHO, CESÁRIO COIMBRA, FRANCISCO MESQUITA e AURELIANO LEITE, pelo Partido Democrático; FRANCISCO ALVES DOS SANTOS FILHO, EDGAR BATISTA PEREIRA, BERNARDO DE MORAIS e ALBERTO AMERICANO, pelo Partido Republicano Paulista; CARLOS DE SOUZA NAZARETH e BRENO FERRAZ, pela Associação Comercial; ANTÔNIO CARLOS PACHECO E SILVA, pelas classes liberais; CAPITÃO ANTÔNIO PIETCHER, técnico militar; ROBERTO VITOR CORDEIRO, JOSÉ TELES MATOS, GASTÃO SARAIVA, HERMAN DE MORAIS BARROS e FLÁVIO BATISTA DA COSTA, pelos estudantes; MOACIR BARBOSA, VALDEMAR SILVA e BRÁULIO SANTOS, pelos bancários; JORGE SOUZA REZENDE e TIAGO MASAGÃO FILHO”. Assinaram no outro dia a ta da reunião: SÍLVIO DE CAMPOS, JÚLIO MESQUITA FILHO e ANTÔNIO PEREIRA LIMA.

Alguns dias depois, EDGAR BATISTA PEREIRA lembrou os quatro mortos de 23 de maio para patronos espirituais da sociedade, que até então se chamava GUARDA PAULISTA. Representar-se-iam pelas iniciais: após alguns debates a sugestão foi aceita e daí a GUARDA ficou sendo a MMDC. Dividindo a cidade em vários setores, confiando cada qual a uma liderança, em menos de dez dias já contava a MMDC com cerca de cinco mil homens.

Na primeira vez em que apareceu em público, tinha a MMDC este Conselho Diretivo: SÍLVIO DE CAMPOS, PRUDENTE DE MORAIS NETO, CARLOS DE SOUZA NAZARETH, ANTÔNIO PEREIRA LIMA, ANTÔNIO CARLOS PACHECO E SILVA, AURELIANO LEITE e CAPITÃO ANTÔNIO PIETCHER (como assessor militar). Num domingo, a concentração e parada aconteceu no CANINDÉ. Compareceram mais de mil chefes e sub-chefes de grupos. “Assombrou a cidade e alarmou o BRASIL”, daí a pouco, sabendo de tudo pelos boatos as proporções foram multiplicadas.

O Governo de SÃO PAULO oficializou a MMDC em 10 de agosto – e entregou sua direção a um decenvirato: LUIZ PIZA SOBRINHO, PRUDENTE DE MORAIS NETO, JOSÉ CÁSSIO DE MACEDO SOARES, LÉVEN VAMPRÉ, ANTÔNIO CARLOS DE ABREU SODRÉ, JOAQUIM CELIDÔNIO FILHO, ELIAS MACHADO DE ALMEIDA, CESÁRIO COIMBRA, JAIME LEONEL, MÁRIO BASTOS CRUZ, ABELARDO VERGUEIRO CÉSAAR, ALARICO SOARES CAIUBI e CARLOS DE SOUZA NAZARETH. Esse

decenvirato prosseguiu até o fim do Movimento Constitucionalista.

Em seguida a esse Conselho Geral, a MMDC compreendia três grandes divisões: a DIREÇÃO GERAL DO ABASTECIMENTO, a INTENDÊNCIA GERAL e o DEPARTAMENTO DE FINANÇAS.

Originalmente, a MMDC instalou-se na FACULDADE DE DIREITO. Passou-se, depois, para o antigo edifício do FORUM à Rua do Tesouro, esquina da 15 de Novembro (onde depois foi instalada a Caixa Econômica Estadual). Depois com a ampliação de seus serviços veio a instalar-se na Escola de Comércio ÁLVARES PENTEADO.

Nessa data era reformado o GENERAL DE BRIGADA MIGUEL COSTA – MIGUEL COSTA foi promovido a GENERAL DE BRIGADA pelo DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO de 11 de novembro de 1930. O BOLETIM DO EXÉRCITO publicou o ato da promoção em 15 de novembro daquele ano. Foi ele designado para assumir o Comando da 3ª Brigada de Infantaria da 2ª Região Militar. No dia 5 de dezembro de 1930 foi designado Secretário de Estado dos Negócios da Segurança Pública. No dia 29 de abril de 1931 foi designado COMANDANTE GERAL DA FORÇA PÚBLICA.

Dentre as inúmeras solenidades que comparecemos em homenagem a esta data, calou fundo na memória quando o MARECHAL-DO-AR MÁRCIO DE SOUZA E MELLO, então Comandante da QUARTA ZONA AÉREA, leu a Ordem do Dia alusiva ao 23 de maio de 1964 ao pé da placa de bronze que assinala, na Praça da República, o local em que tombaram MARTINS, MIRAGAIA, DRÁUZIO e CAMARGO. A FORÇA AÉREA BRASILEIRA vinha pela primeira vez à PRAÇA DA REPÚBLICA proclamar a sua inteira identificação com os jovens de SÃO PAULO, com a mocidade estudantil da terra abençoada.

Vinha assegurar, também, que os ideais de 1932, eram os mesmos daqueles que a tudo se dispuseram para livrar o BRASIL da desordem, da corrupção, do comunismo internacional, quando da Revolução de 1964.

Nessa placa de bronze está escrito “MARTINS, MIRAGAIA, DRÁUSIO e CAMARGO foram bravos – foram paulistas – aqui tombaram pelas 13 listas – 1932 – 1956 (ano da colocação da placa).

Em 23 de maio de 1968, disse o Comandante da QUARTA ZONA AÉREA na Praça da República: “Aqui também está o altar da Pátria! E pensando nela, a Pátria que os mercenários não venceram, nós, representantes da FORÇA AÉREA BRASILEIRA, associando-nos ao ardor da mocidade de SÃO PAULO, estamos certos de atender ao estímulo do poeta, tão caro aos jovens desta Terra, assegurando que: JAMAIS A DEIXAREMOS MORRER!”.

Em 23 de maio de 1975, no Ibirapuera, palanque estava repleto de gente e, na frente, o governador PAULO EGYDIO e o prefeito OLAVO SETÚBAL, entre muitas outras pessoas. Um vento intenso fazia tremular centenas de bandeiras brasileiras e paulistas defronte ao Monumento Mausoléu do Soldado Constitucionalista de 1932. PAULO BOMFIM faz a

declamação: “Maio de outrora revive/ Na saudade aqui presente / Maio de paz e de guerra, / Capacetes de esperança / Alma do povo e da terra / Voz de ideal, canto de amor / E o MMDC/ É sigla, é sangue, é vitória / Santa senha, pira ardente / Bandeira bem bandeirante / No coração de São Paulo – Maio de outrora revive / Nos campos de Ibirapuera.”

Palavras de EUCLIDES FIGUEIREDO sobre o 9 de Julho: “Apesar de fria a noite, abrimos as janelas da limousine em que viajávamos, para facilitar qualquer reação. Eram sete homens decididos a arrostar tudo para chegar a tempo aonde nos levava a palavra empenhada: o CAPITÃO RIBEIRO DA COSTA; TENENTES JOSÉ LOBO, JOAQUIM CAMARINHA e MARIO GOULART; os civis JOÃO DARÉ e MÁRIO CABRAL.

Na manhã seguinte (quer dizer, 9 de julho) partiram de trem o CORONEL PALIMÉRCIO, Doutor LUÍS GUIMARÃES, deixados para trás com a missão de avistar outros companheiros que com a pressa não puderam ser alertados. No mesmo trem ainda sem se falarem viajavam outros oficiais integrados na causa, o civil FRANCISCO ANTUNES JÚNIOR e o meu filho mais velho GUILHERME, que iludira na madrugada a vigilância dos policiais que já cercavam a minha casa. Primeioanista de Direito, ia receber sua melhor aula de Direito Público e de amor à democracia.”

Às quatro horas da madrugada daquele mesmo dia, em que logo a noite se cobriria de glória o comandante da arrancada de “9 de Julho”, iniciava a ronda pelas guarnições do Norte do Estado, que horas depois estariam sob suas ordens. Avistou-se com o CAPITÃO LUÍS DE ANDRADE FARIA, comandante do 1º Batalhão do 5º RI, em PINDAMONHANGABA, deixando recado ao MAJOR QUINTILIANO DE CASTRO E SILVA, em CAÇAPAVA, manteve longa e decisiva conferência com o CORONEL JOSÉ JOAQUIM DE ANDRADE, que desempenharia função de relevo no VALE DO PARAÍBA. Conclui FIGUEIREDO: “Dali (CAÇAPAVA),s em mais preocupações sobre aquele ponto importante, urgia continuar para a capital do Estado, onde os mais sensacionais acontecimentos nos aguardavam.

E lá chegamos por volta das 9 horas da manhã do dia 9 de julho, sem pensar que naquele mesmo dia eu seria chamado a desempenhar o saliente papel que a confiança dos camaradas de armas e dos civis nossos amigos, secundados pelo povo do heróico Estado me reservava: o de fazer eclodir e comandar o mais brilhante movimento cívico da história do Brasil republicano.”

No segundo trem noturno do dia 9 de julho, embarcou na Estação do RIO DE JANEIRO, o GENERAL JOSÉ LUIZ PEREIRA DE VASCONCELOS, novo comandante da 2ª RM, em SÃO PAULO. Desembarcava em CAÇAPAVA e aderiu à Revolução Constitucionalista. A FORÇA PÚBLICA DE SÃO PAULO, braço forte do Exército Constitucionalista era comandada pelo CORONEL JÚLIO MARCONDES SALGADO. As tropas paulistas no VALE DO PARAÍBA foram comandadas pelo CORONEL FIGUEIREDO, que contava com três destacamentos: o do CORONEL ANDRADE, o do CORONEL PAIVA SAMPAIO e do CORONEL ABÍLIO DE RESENDE. A FRENTE NORTE esteve

a cargo da FORÇA PÚBLICA (DESTACAMENTO ROMÃO GOMES) e a FRENTE SUL a cargo do DESTACAMENTO BRASÍLIO TABORDA.

A respeito do MOVIMENTO CONSTITUCIONALISTA disse MENOTTI DEL PICCHIA – “O MAIS BELO E COMOVENTE MOVIMENTO DA HISTÓRIA DAS AMÉRICAS E QUIÇÁ DO MUNDO”.

MARTINS FONTES disse, enfático: “Em GUANABARA, sob o sol que amamos / Rebradaremos, com bravor febril / Nós, de SÃO PAULO, rebrasilizamos / Os Estados Unidos do BRASIL.”

GUILHERME DE ALMEIDA, poeta da Revolução, proclamou: “Bandeira que é o nosso espelho / Bandeira que é a nossa pista! / Que traz no topo vermelho / o coração do Paulista!”

A disciplina, no dizer do GENERAL CADORNA, “é a pedra angular de toda formação militar” e “deve pela colocação em segundo plano da tropa a preocupação individual, criar a cooperação de todos, colimando um fim único: a vitória”. Essa disciplina foi amplamente notada na Revolução Constitucionalista de 1932.

O mineiro JUSCELINO KUBITSCHEK, oficial da FORÇA PÚBLICA DE MINAS GERAIS, que atuou ao lado do Governo Provisório de GETÚLIO VARGAS, quando Presidente da República, referiu-se assim sobre 1932: “... uma daquelas causas pelas quais os homens podem viver com dignidade e morrer com grandeza”.

O carioca EUCLIDES FIGUEIREDO comandou no VALE DO PARAÍBA, a principal das Divisões do Exército Constitucionalista. Disse considerar a Revolução “o mais brilhante movimento cívico da história do BRASIL republicano”. O gaúcho BERTOLDO KLINGER generalíssimo revolucionário, escrevendo ao supremo comandante ditatorial, o GENERAL GÓIS MONTEIRO, descreveu o ânimo que descobrira entre o povo paulista: “...os ricos entregam o seu ouro com discrição britânica e bravura romana; as senhoras despojam-se de suas jóias; os bispos entregam o ouro das igrejas e as suas próprias cruces pectoriais; os casais pobres levam à coleta suas alianças; os advogados, os médicos, os seus anéis...”

Estas definições completam-se com a da respeitada “História do Exército Brasileiro”, editada pelo Estado Maior do Exército: “O nosso maior movimento armado. O valor e a capacidade do homem, do brasileiro em face da adversidade, superaram todas as expectativas, não só no campo material, das improvisações e imaginação, mas, também, no campo da elevação moral e espiritual, diante da causa e motivação para a defesa das suas convicções”.

Estas definições, nenhuma assinada por paulista, mostram que a História, pelo juízo dos homens, fez e vai fazendo justiça à Revolução Constitucionalista: foi ela a explosão de um idealismo levado às últimas conseqüências.

É verdade que há críticos. Alguns deles insistem em que entre os idealistas a reclamar eleição e Constituição, havia separatistas. Haveria uns cinquenta, certamente menos de cem. Não formariam mais do que um magro

batalhão. Nem conduziram o povo para a Revolução.

Mas... insistem os críticos, são os “revanchistas”, os despeitados que se incorporaram à Revolução tendo por objetivo reconquistar as posições, o poder, perdidos em 1930? De fato, haveria gente assim, entre os que fizeram 1932. Talvez, mobilizados, dessem dois esqualidos batalhões. Não mais.

No entanto, os seis milhões de habitantes do Estado aplaudiram e aderiram. Uma adesão assim unânime jamais resulta de enganos, de desencontros. Quase cem mil homens pediram armas e lugar nas trincheiras: estudantes, funcionários, agricultores, comerciários, pretos, pardos, brancos; pobre, ricos; casados, solteiros. Sem prática das durezas da luta, marcharam e combateram – quinze a dezoito mil deles – enquadrados por mais ou menos dez mil praças da Força Pública (a Polícia Militar de hoje) e quase três mil recrutas do Exército Nacional. Assim se formou o Exército Constitucionalista.

Para ele, foi preciso fabricar dentro do Estado o que não havia: armas e munições. A criatividade e o esforço revolucionário montaram fábricas das quais saíram balas para fuzil (240 mil/dia no final da luta), granadas para canhões (200/dia no término da campanha), capacetes de aço (70 mil), máscaras contra gás, rações de campanha, trens blindados, carros de assalto, lanchas blindadas, minas marítimas e terrestres, carros lança-chamas, além de armas psicológicas de efeito extraordinário no substituir armas inexistentes. Entre essas “armas de mentirinha”, a matraca, que imitava o “matraquear” de metralhadora pesada e o “canhão bresseriano” ou canhão fantasma que não disparava, mas enganava a observação aérea.

A guerra toda decorreu entre julho e começos de outubro. Tempo frio, ríspido, nos campos do sul do Estado e na Serra do Mar, onde a campanha foi mais duramente combatida. Portanto, houve precisão de vestir, agasalhar e alimentar entre 25 a 30 mil. Não havendo indústria, nem dinheiro suficiente para atender a tais necessidades, 80 mil mulheres, trabalhando graciosamente, costuraram fardamentos, teceram agasalhos, prepararam material médico, cozinham refeições, atenderam a hospitais, atenderam as famílias cujos arrimos haviam seguido para as trincheiras.

Uma guerra, travada em cinco frentes, sem comunicação com o exterior para vender produtos da terra cercada (no caso, café), custa muito caro. Além da guerra, era preciso que a vida, no Estado, prosseguisse, normal o quanto possível: armazéns fornecendo, escolas ensinando, trens trafegando, farmácias atendendo, lâmpadas acendendo. E o tesouro do Estado, em tempo de crise mundial e principalmente nacional e paulista, estava a zero. Para socorrer o Tesouro e manter a vida civil regular e o Exército combatendo, fez-se a Campanha do Ouro Para o Bem de São Paulo, a que se referiu o GENERAL KLINGER na frase citada.

Mas se tão empenhado e poderoso foi esse ideal constitucionalista, ficou restrito a SÃO PAULO? Ninguém, em parte alguma do BRASIL, moveu-se para sustentá-lo, por atos ou mesmo por gritos? Pois houve gente assim e muita e em muitos lugares. Afinal, a Revolução deveria ser feita pela FRENTE

ÚNICA – larga corrente de liberais, principalmente do RIO GRANDE DO SUL, de MINAS GERAIS, do DISTRITO FEDERAL (hoje RIO DE JANEIRO), do MATO GROSSO e outros Estados. O porquê de, a 9 de julho, somente SÃO PAULO e a parte sul do MATO GROSSO cumprirem o combinado, é um capítulo que ainda está sendo escrito.

Os que deveriam marchar e combater ao lado de SÃO PAULO marcharam e combateram contra SÃO PAULO. Nem por isso, o ideal deixou de levantar eco e despertar combatentes em outros sítios: Assim, ao norte, ao sul, ao leste e ao oeste, brasileiros houve que responderam ao grito de “CONSTITUIÇÃO E ELEIÇÕES LIVRES! Levantado em 1932, junto ao riacho do IPIRANGA, como em 1822 ali fora levantado o grito de “INDEPENDÊNCIA!”

Esses lutadores, no MATO GROSSO. No RIO GRANDE DO SUL (com ênfase para SOLEDADE, os frentistas gaúchos que, à sua moda e sem esperanças, tentaram montar um governo constitucionalista no pampa), no RIO DE JANEIRO, na BAHIA (514 estudantes da Faculdade de Medicina e uma dezena de professores foram presos e recolhidos aos cubículos da Penitenciária de SALVADOR.

A Faculdade foi fechada e os cursos somente foram reabertos a 2 de outubro de 1932); no PARÁ (o celebre episódio de ÓBIDOS, onde os artilheiros do forte morreram todos após o naufrágio de suas barcaças, atacadas pelas forças de ditadura, que os executaram, na famosa BATALHA NAVAL DE ITACOATIARA), no PARANÁ (cidades de CASTRO e SENGÉS), em MINAS GERAIS (principalmente em VIÇOSA e ARAPONGA). Diz a “HISTÓRIA DO EXÉRCITO BRASILEIRO”: “vencedor único, o BRASIL” Pois 723 dias depois do 9 de Julho, o BRASIL ganhava a CONSTITUIÇÃO. E o brasão de armas de SÃO PAULO, criado durante a Revolução, diz “PELO BRASIL FAÇAM-SE GRANDES COISAS”. E a bandeira do Estado, o último Estado brasileiro a adotar uma bandeira, é a única, entre as bandeiras estaduais a ostentar o MAPA DO BRASIL.”

Em 1982, quando se completaram 50 anos do Movimento Constitucionalista é comovente o pronunciamento de AURO SOARES DE MOURA ANDRADE: “...àqueles que morreram aos milhares nos campos rasos da luta, da mais nobre luta e da mais bela luta, a luta pelos direitos do homem, a luta pela liberdade da pátria, a luta pela conquista de uma constituição e pela garantia de uma vida tranqüila e próspera para o nosso povo”.....”decorridos 27 anos, sabe todo o Brasil que não se tratava de um movimento separatista, mas de uma revolução que integrava na vida política todo o restante de seu povo. Longe de separar, era a revolução que unia Norte a Sul para o mesmo pensamento jurídico, o mesmo pensamento cívico visando a reconstitucionalização do país”.

Ainda disse AURO SOARES DE MOURA ANDRADE: “a vitória não foi alcançada nas armas, foi alcançada nas consciências, na convicção do homem”. Em aparte, o deputado SÉRGIO MARINHO disse que se

penitenciava de ter lutado contra São Paulo, por estar hoje convencido de que a revolução constitucionalista foi um dos maiores movimentos cívicos registrados no país.”

PEDRO PAULO PENNA TRINDADE, Vice-presidente do Conselho Deliberativo do MMDC assim se pronuncia: Dias atrás, um jovem amigo paulistano me perguntou o porquê do feriado de 9 de Julho. Refleti, um pouco indignado, mas com paciência tentei explicar o que foi a guerra paulista de 1932. Se quisermos entrar no âmago dessa guerra fratricida, perdida nas armas e ao mesmo tempo vitoriosa para o constitucionalismo brasileiro, temos de voltar no tempo e aos anseios da jovem oficialidade, em especial do Exército, que queria democracia plena, e não a hipocrisia e as oligarquias das elites, heranças do Império, somadas aos “currais eleitorais” trazidos pela República.

Estes movimentos ficaram conhecidos como Tenentismo. A primeira grande revolta armada tenentista ocorreu em 1922, no RIO DE JANEIRO, no governo EPITÁCIO PESSOA, que tinha nomeado um civil para o Ministério da Guerra. Para culminar os ânimos, mandou fechar o Clube Militar, cujo presidente era, nada mais, nada menos, que seu desafeto político MARECHAL HERMES DA FONSECA, presidente da República entre 1910 e 1914. Esta revolta ficou conhecida como OS 18 DO FORTE DE CAPACABANA.

A Revolução Paulista de 1924, também de origens tenentistas e de que poucos têm conhecimento, tinha o propósito de derrubar o presidente do Estado WASHINGTON LUIZ e, conseqüentemente, o presidente da República, ARTUR BERNARDES, EDUARDO GOMES, SIQUEIRA CAMPOS, JOÃO CABANAS, LUIZ CARLOS PRESTES, JOAQUIM e JUAREZ TÁVORA, MIGUEL COSTA, CORDEIRO DE FARIAS, entre outras figuras da nossa História moderna, eram capitães e tenentes revolucionários.

Em conseqüência das derrotas tenentistas de 1924, formaram-se as legendárias Coluna MIGUEL COSTA e COLUNA DA MORTE, esta comandada por JOÃO CABANAS.

De revolução em revolução, veio a de 1930, que levou GETÚLIO VARGAS ao poder como ditador absoluto. SÃO PAULO, com seus ideais de liberdade, preparou-se e se armou, com o apoio do Estado de MATO GROSSO, para lutarem sozinhos contra as tropas federais de VARGAS, tentando tirá-lo do poder. As batalhas ocorreram de julho a outubro de 1932 e esta foi, sem dúvida, a maior epopéia do povo paulista.

Hoje, muitos que passam no Parque Ibirapuera olham sem entender o imponente Obelisco, monumento-símbolo da Revolução de 9 de Julho de 1932, iniciada nesse dia com a morte traiçoeira dos estudantes paulistas MARTINS, MIRAGAIA, DRÁUSIO e CAMARGO – MMDC. Os quatro mártires, juntamente com centenas de voluntários, oficiais e soldados constitucionalistas mortos em batalhas, jazem na cripta sob o Obelisco.

E também quase ninguém sabe! Lá é solo sagrado ! Quem quiser

comemorar o feriado que vá ao Obelisco e reze pela paz eterna dos que obrigaram o ditador VARGAS a promulgar a segunda Constituição da República, em 1934.

Vitória! Por isso é feriado paulista em 9 de Julho, para podermos festejar e rememorar os ideais da Revolução Constitucionalista de 1932.

CARÍSSIMOS CADETES

O Brasil é um país que resiste na beira do abismo.

Abençoado por Deus e pela natureza, vive na dúvida entre o atalho do atraso e a reta da certeza. Uma nação que maltrata sua história e não agradece, todos os dias, a generosidade divina que nos concedeu uma extensão territorial de dimensão continental, rica em terras férteis, praias que encham os olhos do mundo inteiro, água doce em abundância, fauna e flora que não devem nada aos países mais ricos.

Todos os versos e cantos ufanistas de nossa Pátria são verdadeiros e merecem o cultivo da eternidade. Quando Gonçalves Dias declama que “Nossa terra tem palmeiras, onde canta o sabiá...”, pratica um ato de civismo exemplar pelo caminho encantador da poesia.

Assim como outros brasileiros exemplares, Gonçalves Dias tentou plantar raízes de civismo e amor à Pátria.

Civismo é a difícil tarefa de amar, em grandeza superior, os valores do País, do Estado e do Município.

Uma pessoa acometida do vírus cívico é aquela que consegue romper os muros estreitos e menores de um cotidiano medíocre para se envolver em lutas e projetos que dignifiquem a vida.

É fácil, cômodo e comum viver a pobre rotina da casa para o trabalho e de trabalho para casa, intercalada por um tempo livre que nada acrescenta e apenas demonstra que existe gente que passa por este mundo sem nunca ter vivido.

E a grande tragédia contemporânea do Brasil é a crescente alienação de sua população em relação aos valores cívicos que deveriam nortear uma nação civilizada.

Os jovens desapareceram das praças e a política, ciência superior do poder, deixou de ser pensada e discutida nas esquinas, evidenciando uma decadência social e cultural de elevada periculosidade cívica.

A história nos ensina que o afastamento da juventude é um sinal de alarme para as nações, exigindo dos patriotas uma providência qualquer diante da falência de nossas instituições.

Por muito menos do que acontece no Brasil de 2012, os paulistas pegaram em armas dia 9 de Julho de 1932. Data máxima do povo paulista, 9 de Julho é a referência de honra e glória que jamais deixaremos desaparecer de nossa história.

Fizemos a maior guerra civil da história do Brasil em busca de uma Constituição para conquistarmos a democracia. Fomos derrotados militarmente, mas vencemos politicamente.

Mesmo com a ditadura usando o rádio como propaganda enganosa, vendendo ao Brasil a idéia de que nossa revolução era separatista, liderada pelos italianos e barões do café, conseguimos a Constituição em 1934 e grandes avanços em direção à cidadania, como a conquista do voto feminino, por exemplo.

9 de Julho é o exemplo para sempre.

Em 1932 fizemos a maior guerra cívica militar. Em 2012 precisamos, em paz, promover esse movimento cívico, partindo de São Paulo, para resgatar a ética, o próprio civismo e a cidadania numa nação destruída pela corrupção.

O Brasil precisa buscar o exemplo nos tempos atuais da Epopéia de 32, onde o IDEAL DO DIREITO era a única meta daqueles 130 mil homens, mulheres e crianças envolvidos no Movimento Constitucionalista.

Eles conseguiram, embora derrotados pelas armas, o retorno da Carta Magna do País.

A eles nosso preito de gratidão!



PRO BRASILIA FIANT EXIMIA
Sustentae o fogo que a Victória é nossa!

Palestra originalmente publicada em:
<https://qrgo.page.link/ctdEm>

